



**FACEBOOK: FALSA TRANSPARÊNCIA E MOLDURA SOCIAL.
O PROCESSO DE RESISTÊNCIA NO PERFIL DA ARTISTA SAYURI MICHIMA.**

Carolina Lara Kallas¹

Resumo: O artigo pretende analisar a programação das imagens técnicas na atualidade e suas influências na construção de sentido na sociedade atual. A fundamentação teórica escolhida retoma as teorias sobre antropologia da imagem de Hans Belting e os estudos de Vilém Flusser sobre a Imagem Mediática, assim como os conceitos de Iconofagia desenvolvidos por Norval Baitello Jr. A análise consiste em refletir sobre a maneira como a artista transpõe o espaço dentro e fora da rede social, modificando a relação que estabelece com as imagens, criando um processo de resistência às molduras 'invisíveis' criadas pelas redes sociais.

Palavras-chave: Imagem mediática. Identidade. Sayuri Michima. Avatar. Simulacro

Todo processo civilizatório consiste na apropriação do tempo e do espaço, desde a questão física até a mais abstrata.² A construção das cidades parte da elaboração de um projeto que limita os espaços e insere dentro dos mesmos um determinado tempo para que as pessoas possam coexistir de forma integrada.³ (Exemplo: vias de trânsito e semáforos). Essa apropriação do espaço parte de algo visível e tangível e, cada vez mais atinge questões mentais e intangíveis⁴, como por exemplo, o tempo que uma notícia ocupa a mente (questão discutida no livro: *Futuros Imaginários* - Richard Barbrook, 2009), ou como propõe Rudolf Laban, o espaço kinespherico⁵ limitado pelas condições comportamentais quando andamos na

¹ Professora Mestra: Carolina Lara Kallas, doutoranda na Universidade paulista - UNIP e pesquisadora do Grupo de pesquisa: Mídia e estudos do imaginário. Email: carolinakallas@gmail.com.

² Conceito discutido pelo Professor Dr. German Liorca Abad - Universidade de Valência no seminário: "Paul Virílio: Modernidade, Pós-Modernidade e Globalização" em agosto de 2013 na Universidade Paulista.

³ Paul Virílio desenvolve a relação entre cidade/ tecnologia e comportamento no livro: *Estética de la desaparición*: Anagrama, Barcelona, 1988. Disponível em: http://www.upv.es/laboluz/leer/books/virilio_estet_desaparicion.pdf. Acesso 23/11/2013. Discorre também, sobre o espaço e o tempo e as suas relações com a tecnologia e o ciberespaço na parte II do livro: *Para navegar no século 21*: Sulina, Porto Alegre, 2003. O resto do tempo: p. 105 - 111. O mesmo assunto é desenvolvido por Eugênio Trivinho na Parte III do livro: *Epistemologia em ruínas: a implosão da Teoria da Comunicação na experiência do ciberespaço*. p. 167 - 180.

⁴ Para mais informações consultar: Hillman, James. *Cidade e Alma*. Studio Nobel, 1993.

⁵ *Kinesphere*: conceito desenvolvido por Rudolf Laban que tem como objetivo falar do campo espacial que nosso corpo pode atingir, nas seguintes dimensões: altura, comprimento, horizontal, diagonal, sem que haja transferência de peso para caminhar.

V COMcult

o que custa o virtual?

cidade ou entramos no metrô. Norval Baitello (2007) , em artigo publicado pela Compós diz: “... estar em um ambiente significa estar integrado a ele, configurando-o e sendo configurado por ele.”⁶

Essa relação estabelecida entre o espaço e sua apropriação, assim como suas interferências nas nossas redes de significações é desenvolvida também por Paul Virílio: a relação entre tempo e espaço, influencia a construção do real.

Existem gerações do real como há gerações demográficas ou culturais. A realidade nunca é dada de antemão, mas adquirida, gerada pelo desenvolvimento das sociedades. Mesmo se a pedra permanece pedra, mesmo se a montanha continua no seu lugar, a maneira de captar a realidade varia ao ritmo da evolução do conhecimento. Aqui, como em outros domínios, já não estamos no espaço e no tempo absolutos de Newton e mais alguns, mas no espaço-tempo da relatividade geral. (VIRÍLIO, P.2003, p.105)⁷

Portanto, a maneira como o espaço é vivenciado e manipulado por cada um de nós influencia a nossa construção de mundo. Piaget⁸ também reforça essa idéia ao dizer que nossa vivência no mundo inicia-se com a conscientização de tempo e espaço. A criação artística inicia-se da mesma maneira, por meio da forma como o artista modifica essas dimensões em sua obra.

O objetivo desse artigo é analisar a falsa transparência das programações dentro das redes sociais e suas influências na construção de sentido da atualidade. O objeto de estudo é o perfil da artista Sayuri Michima⁹ no *Facebook*.

O referencial teórico da análise prioriza os conceitos da antropologia da imagem desenvolvidos por Hans Belting e os conceitos do livro: A filosofia da caixa preta de Vilém Flusser (2002), assim como a importância da relação tempo e espaço - fora da perspectiva Newtoniana, discutida por Paul Virílio (2000).

A classificação das imagens tem como referencia as teorias de Hans Belting, Aby Warburg e Norval Baitello. Segundo os autores, a imagem não deve ser vista de forma

⁶ Para que servem as imagens mediáticas? Trabalho apresentado por Norval Baitello Junior, ao Grupo de Trabalho "Comunicação e Cultura" do XVI Encontro da Compós, em UTP, Curitiba PR, em junho de 2007.

⁷ MARTINS, F.M & SILVA, J.M. Para Navegar no século 21. Porto Alegre: Sulina, 2003

⁸ Para maiores informações sobre o assunto consultar o artigo: A construção do espaço segundo Jean Piaget. Lívia de Oliveira, 2005. Disponível no site da revista: Sociedade e Natureza, Uberlândia, 17 (33): 105-117, dez.2005.

⁹ Perfil do Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/sayurimichima>. Acesso: 9/11/2013.

V COMcult

o que custa o virtual?

reducionista, apenas vinculando-a com o aparato tecnológico ou suporte que as produziram¹⁰, mas entendendo-a como *medium*¹¹, aliando seu papel socializador a questões ideológicas trazidas pelos aparatos e pelos suportes¹². Analisam-se aqui as relações estabelecidas pelas imagens e suas mediações, assim como, a influencia de seus suportes na construção do sentido.

As relações que estabelecemos com as imagens, são trabalhadas por Belting, de três formas: (a) A imagem religiosa (imagem de culto)¹³ ou duplo¹⁴; (b) a imagem artística estética - representação e; (c) as imagens mediáticas¹⁵. Belting (2005, p.65) afirma que foi na cultura grega que se construiu o modelo de imagem que separa o meio físico em que a imagem se estabelece e, a imagem mental. E é nesse contexto que acontece a ruptura entre a imagem religiosa e imagem estética.

A imagem religiosa traz consigo características que remetem a definição de imagem antes da ruptura da teorização grega. Não há diferença entre a representação e o objeto. A imagem traz consigo toda a força e o imaginário complexo no qual ela se realiza, ou seja, ela não representa uma pessoa ou um deus, ela o é.

A imagem estética traz uma concepção acerca da interferência do homem em sua criação, ela tem ligação direta com o referente, mas há uma idealização embutida na sua construção e, traz consigo uma determinada ética e ideologia. Parte do conceito grego de *aisthesis* que vincula a percepção da imagem com o corpo, ou seja, com a percepção e os sentidos.

As imagens mediáticas trazem consigo a perda do referente, numa reprodução em alta escala onde a projeção e a visibilidade substituem a experiência estética, criando uma hiper-

¹⁰ É importante ressaltar a influencia e ideologia estabelecida por cada suporte (mídia) e, suas influencias dentro da obra, assim como, o papel da moldura dentro de imagens estéticas ou mediáticas, porém esse é apenas um dos passos para a análise da imagem.

¹¹ O *medium* tem uma ligação direta com a memória, é por meio dessa mediação da imagem que despertamos outras imagens e tecemos a rede de significados dentro de uma imagem.

¹² Nesse artigo adota-se a concepção de que mídia, suporte e aparato tecnológico são sinônimos. Mídia nesse caso é considerada o meio pelo qual a imagem é transmitida ou materializada.

¹³ Sugestão de leitura para aprofundamento: Hans Belting. Imagen Y Culto. Una historia de La Imagen Anterior a La Era Del Arte. Akal, 2009.

¹⁴ Conceito de Edgar Morin.

¹⁵ Chamadas também de imagens técnicas (Vilém Flusser) ou simulacros (Jean Baudrillard)

V COMcult

o que custa o virtual?

realidade¹⁶, como diria Baudrillard. Nas relações estabelecidas pelas imagens mediáticas perde-se a experiência concreta e sua vivência.¹⁷

Analisando as relações que estabelecemos com as imagens, segundo a lógica acima, vê-se claramente uma ligação entre a significação e o ambiente onde são geradas as imagens. Walter Benjamin (1955), em seu famoso ensaio: "A Obra de arte na era da reprodutibilidade técnica"¹⁸ profetizou essa modificação acerca do significado das artes dentro da evolução tecnológica.

Atualmente, pode-se considerar os perfis das redes sociais como uma nova forma de auto retrato, que reflete a interferência da tecnologia e, suas implicações na maneira como nos relacionamos com as imagens e com a mediação da realidade. Nesse caso, a linha entre o eu e o outro é extremamente tênue, assim como a privacidade versus a exposição - o público e o privado nos dias atuais.

Os perfis do *facebook* estabelecem relações características das imagens mediáticas e do valor de exposição, citado por Baitello (2007, p.7), além de ser, uma multiplicação de si mesmo, geram uma Iconomania.¹⁹ Construídos a partir de molduras técnicas muito precisas com uma constante necessidade de venda da imagem e, projeção de felicidade, seja nas inscrições ou nas imagens, extravasa a moldura da rede no que diz respeito à invasão da privacidade.²⁰ Pode-se dizer que, nas redes sociais, o valor de exposição e a visibilidade são a grande motivação da geração de imagens.

O trabalho de Sayuri Michima foi escolhido por questionar o padrão de construção de perfis, assim como, os padrões de definição da identidade, impostos pela sociedade, e a

¹⁶ A hiper-realidade é uma realidade construída pela técnica e estabelece imagens de consumo que provavelmente nunca serão alcançadas, pois não são humanas. São feitas a partir da tecnologia. A indústria dos cosméticos, por exemplo, se retroalimenta dessas imagens geradas pelos softwares dentro do computador. As imagens que vemos em revistas, são manipuladas pelo photoshop e constituem uma hiperrealidade - melhor do que a realidade - que dificilmente será alcançada.

¹⁷ Os reflexos dessa perda do corpo, vivência e experiência são discutidos em diversos textos de Dietmar Kamper, como O Corpo. Disponível em: <http://www.cisc.org.br/portal/biblioteca/corpokamper.pdf>. Acesso 23/11/2013.

¹⁸ Disponível em: http://www.deboraludwig.com.br/arquivos/benjamin_reprodutibilidade_tecnica.pdf. Acesso 23/11/2013.

¹⁹ Conceito de Gunther Anders citado por Baitello (2007, p.7) "Anders vislumbra uma poderosa 'malaise da unicidade' como testemunho da desvalorização de si mesmo provocada pelos rumos civilizatórios tomados no último século". E como tentativa de compensação desenvolve "uma dependência imagética reinante hoje, a 'iconomania'".

²⁰ Os artistas italianos, Paolo Cirio & Alessandro Ludovico trouxeram essa questão em seu trabalho: *Face to Facebook* em 2011. Disponível em: <http://www.face-to-facebook.net/>. Acesso 02/11/2013.

V COMcult

o que custa o virtual?

linearidade da rede. A artista além de trabalhar a questão do espaço, resalta a maneira como a linguagem se estrutura dentro da rede, ou seja, como ocorre a construção da linguagem (e dos significantes) impostos pelos códigos, que limitam nossa construção espacial.²¹ Vê-se claramente um viés crítico que desmascara a falsa transparência contida dentro das imagens mediáticas.

Sayuri Michima²² é uma artista japonesa, formada em pintura. Após uma instalação virtual feita dentro do *facebook* "*Facebook - Instalação I/II*" (2010)²³ foi amplamente conhecida e expôs suas obras em Shanghai, na *Heavenly Queen Gallery* sob a curadoria de Michelle Wu. As obras ficaram expostas em abril e maio de 2010 e tiveram grande repercussão no meio artístico. Michelle Wu compara a artista a Andy Warhol e diz que, a semelhança entre os dois artistas, parte dos objetos cotidianos que inspiram a criação. No caso de Warhol, as latas de sopa *Campbel* e o alavancar de uma sociedade de consumo e, em Michima, o *facebook* e a maneira como ela lida com os fluxos de informação da era digital. Segundo a curadora, ambos os artistas conhecem profundamente a cultura vigente em sua época e se inspiraram nos objetos do dia a dia, que mesmo possuindo muita visibilidade, chegam a ser esquecidos e se tornam transparentes no olhar do público.

Esse esquecimento é questionado pela artista quando ela traz a tona, dentro da materialidade, a falsa transparência do suporte dentro das redes digitais. A análise do trabalho de Sayuri irá enfatizar essa falsa transparência do suporte tecnológico e suas implicações ideológicas. Como veremos a seguir a artista perverte o código e questiona assim o modelo de construção da identidade visual nos sistemas em rede, como o *facebook*.²⁴

²¹ Outros artistas também têm utilizado o espaço do *facebook* para fazer suas intervenções, como o lituano Laimonas Zakas criador do projeto Glitchr. Disponível em: <https://www.facebook.com/glitchr?fref=ts> e <https://www.facebook.com/zakas?fref=ts>. Acesso 23/11/2013. Zakas tem como principal característica em seu trabalho detectar erros digitais e deformar a interface, expondo a vulnerabilidade do código, desconstruindo assim, o mito de representação transparente ordenada pelo meio tecnológico. Sakas expôs na Gallery online, uma galeria virtual situada no Facebook e suas obras também ganharam destaque em galerias, transpondo assim, os limites da rede. Em 2012 o artista realizou uma exposição solo no Jonas Mekas Visual Art Center, em Vilna (Lituânia).

²² Para mais informações sobre trabalhos audiovisuais de Sayuri Michima acesse: <https://vimeo.com/sayurimichima/videos>. Acesso 19.9.2015.

²³ A instalação não está mais disponível no Facebook. Maiores informações sobre o trabalho da artista em: <http://www.tsnok.se/sv/2013/och-annat/the-hypermediate-strategy-of-sayuri-michima/1904/>. Acesso 19.9.2015.

²⁴ Hans Belting lançou um novo livro que ainda não está traduzido, mas que irá tratar de assuntos relevantes a esse estudo: *Face and Mask: Their View as Images*.

V cult

o que custa o virtual?

O processo de abstração no trabalho de Sayuri Michima²⁵

Com intuito de estabelecer um paralelo entre as teorias de Belting e o estudo das imagens, identificam-se algumas relações das obras de Sayuri com o trabalho de Piet Mondrian. Pretende-se em primeiro lugar, analisar as conjunções entre as obras dos artistas, a partir do processo de abstração utilizado por Mondrian para representar uma árvore e, a transposição do suporte gerada por esse processo no caso de Sayuri Michima.

Abaixo podemos ver uma sequência de imagens que traz esse caminho da abstração e o rompimento da moldura, até mudar o próprio suporte de sua obra.

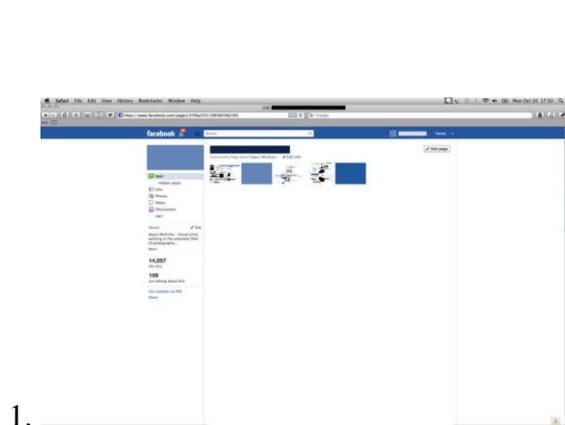


FIGURA 1: Página do perfil de Michima Sayumi²⁷

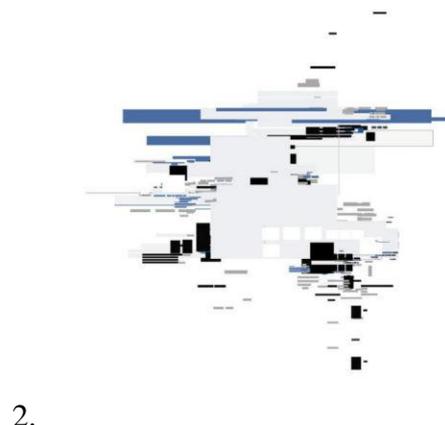
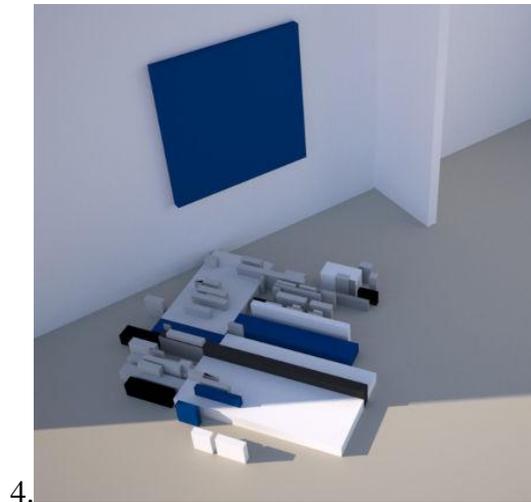
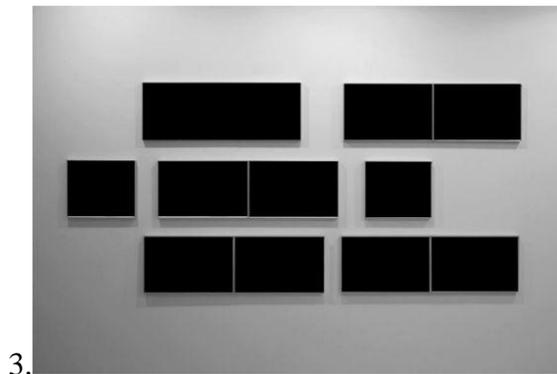


Figura 2: Obra inspirada no perfil²⁶

²⁵ Abstração nesse caso, é considerada: a perda dos elementos figurativos gerados pelas imagens estéticas em obras de arte. E não deve ser confundida com a escalada da abstração desenvolvida por Vilém Flusser.

²⁶ Disponível em: <http://blogs.elpais.com/arte-en-la-edad-silicio/2012/09/facebook-y-la-deconstruccion-artistica-de-una-red-social.html>. Acesso 19.9.2015

²⁷ Disponível em: <https://www.facebook.com/Sayuri-Michima-329973462996/timeline/>. Acesso 23.11.2013.



FIGURAS 3 e 4: Obras tridimensionais de Michima Sayuri²⁸

Nas obras apresentadas no museu (figuras 3 e 4), a artista abstrai a moldura da mídia eletrônica, considerada o suporte da imagem, fugindo assim da rígida estrutura tecnológica do meio. No processo pelo qual a artista abstrai o suporte e transpõe uma mídia para outra, criando um processo de Intermedialidade (figuras 1, 2, 3 e 4) a artista traz uma grande influencia do trabalho de Piet Mondrian. Podemos comparar esse processo entre as figuras 1, 2, 3, e 4 com a abstração ocorrida nas seguintes obras de Mondrian: Figuras 5 - The Red Tree (1908), 6- The Grey Tree (1912), 7 - The Flowering Tree (1912) e 8 - Composition n 3 (1912/13), 9 Composition with lines (1917).

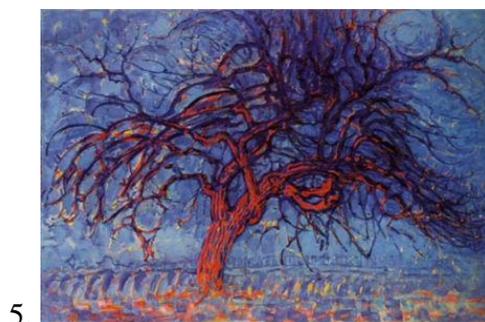


FIGURA 5: The Red Tree (1908)²⁹



FIGURA 6: The Grey Tree (1912)³⁰

²⁸ Disponível em: <http://blogs.elpais.com/arte-en-la-edad-silicio/2012/09/facebook-y-la-deconstruccion-artistica-de-una-red-social.html>. Acesso 19.9.2015

²⁹ Disponível em: <http://www.radford.edu/rbarris/art428/MondriananddeStijl.html>. Acesso 19.9.2015.



7.

FIGURA 7: The Flowering Tree (1912)



8.

FIGURA 8: Composition n 6 (1914)³¹



9.

FIGURA 9: Composition with lines (1917)³²

Ao analisarmos as figuras, conclui-se que a artista faz o processo inverso de abstração de Mondrian, ela parte da imagem bidimensional da rede (figura 1 e 2) e traz os objetos para a forma tridimensional (Figura 3 e 4), transformando assim, a relação na qual a imagem é convertida de imagem técnica ou simulacro para imagem estética.

A conjunção entre o trabalho da artista e do trabalho de Piet Mondrian vem dessa abstração espacial que procura mostrar o inaparente (ou mesmo, uma estrutura transparente) dentro das imagens.

³⁰ Disponível em: <http://www.radford.edu/rbarris/art428/MondriananddeStijl.html>. Acesso 19.9.2015.

³¹ Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Mondriaan_-_No._11.jpg. Acesso: 19.9.2015

³² Disponível em: <http://www2.fiu.edu/~andiaa/cg2/chronos.html>. Acesso: 19.9.2015

V COMcult

o que custa o virtual?

A transposição do espaço e das relações estabelecidas pelas imagens, como resistência.

No artigo: Imagem, mídia e corpo: Uma nova abordagem a Iconologia, Belting (2006, p. 37) ressalta: “É verdade que experimentamos imagem e mídia indistintamente e que reconhecemos uma na outra.” O autor faz uma explanação sobre a tendência de acreditarmos que a imagem e a mídia são a mesma coisa, ou seja, que existe uma transparência entre o suporte e sua ideologia e as imagens, como se essas surgissem por conta própria. O trabalho de Sayuri sugere essa reflexão. A artista questiona a falsa transparência imposta pela rede social. Nas obras da artista há um paralelo entre as relações estabelecidas pelas imagens, com a forma que a artista se apropria do espaço da representação, transformando um simulacro em imagem estética. Com isso, a artista questiona a influencia dos valores sociais, vigentes em relação à tecnologia, na construção da representação da identidade e, suas limitações trazendo a tona a falsa transparência imposta pelo suporte tecnológico.

A vanguarda da arte multimídia parece hoje desfuncionalizar o próprio médium para se tornar artística: o que significa que ela introduz questões abertas, permite incertezas e substitui o consumo rápido por uma compreensão simbólica lenta.(BELTING, 2003, p. 285).

A mídia eletrônica devora a imagem estética, criando simulacros, ou seja, imagens que abstraem a vivência concreta do corpo, abolem a esfera do concreto e do espaço temporal limitado. O trabalho de Sayuri tenta inverter esse processo, ao invés de se apropriar das imagens estéticas padronizadas para criar um simulacro (imagem técnica) a artista parte do simulacro, modifica sua estrutura e sua relação com o espaço e transforma a relação com a imagem, em imagem estética. Ela concretiza as formas, retirando as mesmas da moldura do aparato tecnológico (mídia).

A falsa transparência do design se deve a questão da moldura nesse caso específico: a tela do computador. Segundo Belting (2003, p. 281) "A pesquisa em arte é realizada hoje num ambiente em que as mídias técnicas de imagem marcam nossa imagem do mundo e nosso conceito de realidade, principalmente quando desconhecemos sua intenção ideológica propriamente dita." Belting fala sobre uma política da imagem e suas intenções ideológicas que são intrínsecas a materialidade midiática.

A política das imagens reside na sua medialidade, pois a medialidade é geralmente, controlada por instituições e serve a interesses do poder político (mesmo quando ela, assim como a experimentamos hoje, esconda-se atrás da transmissão aparentemente

V COMcult

o que custa o virtual?

anônima). A política das imagens necessita de uma mídia para transformar uma imagem em figura (*picture*). (BELTING, 2006, p. 37).

Esse é o motivo pelo qual artistas como Laimonas Zakas (Glitchr) e Sayuri Michima, entre outros, tiveram seus perfis bloqueados no facebook. Pode-se dizer que "o iconoclasmo de hoje em dia pode ser mais discreto quando simplesmente retira tais imagens de sua circulação (...) (BELTING, 2006, p.42). Segundo Belting isso é um ato de violência, pois ao extinguir imagens físicas dentro da rede, extingue-se também as imagens mentais e questionamentos formados.

A violência contra imagens físicas serviu para extinguir as imagens mentais. O controle sobre as mídias públicas foi um princípio guia na proibição de imagens, a ponto de tal controle ter forçado sua introdução oficial. Ambos os atos são violentos em grau semelhante, pois qualquer circulação dessas imagens repousa em violência secreta ou aberta. (BELTING, 2006, p. 42).

Outra maneira utilizada pela tecnologia para impor seus padrões ideológicos vem da relação de fé que se estabelece com os meios de comunicação. Existe uma determinada mágica por não conhecermos como o sistema funciona, como se fosse uma caixa preta³³ de onde saem as imagens. Normalmente não conhecemos a lógica do sistema dentro da tecnologia, portanto não entendemos como as imagens são fabricadas. Quando não questionamos o processo dessa produção aceitamos passivamente as imagens mediadas pela tecnologia. Belting, no artigo: A imagem autêntica (2006,)³⁴ desenvolve muito bem essa relação entre a fé e o uso da mídia. "(...) o uso da mídia, a não ser aquele feito por especialistas, continua um estágio de ingenuidade francamente anacrônica."

Entende-se a dificuldade de chegar a conclusões exatas e paradigmas, portanto finaliza-se o artigo com as seguintes perguntas: (a) Um novo suporte, desperta uma nova imagem mental? e (b) O trabalho de Sayuri, destrói apenas o suporte (modificando a mídia pelo qual a imagem é passada), ou consegue com essa transformação modificar a relação que estabelecemos com as imagens?

Partindo das idéias desenvolvidas por Belting, há uma grande possibilidade de que a partir da transposição intermediática, haja uma mudança também, na carga ideológica e nas

³³ Conceito exposto por Vilem Flusser em A filosofia da caixa preta.

³⁴ Disponível em: <http://www.ufrgs.br/artereflexoes/site/wp-content/uploads/2011/04/hansbelting-aimagemautencia.pdf>. Acesso 22/11/2013.



políticas da imagem. Ao questionar a ideologia de produção dentro de uma rede social, questiona-se também os padrões estéticos e valores sociais desenvolvidos por ela, criando assim, novas imagens mentais e perspectivas que modificam nossa relação com as imagens e com a própria realidade e visão de mundo.

Referências

- BARBROOK, Richard. **Futuros Imaginários: Das máquinas pensantes à aldeia global**. São Paulo: Peirópolis, 2009.
- BAUDRILLARD, Jean. **O Sistema dos Objetos**. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- BELTING, H. **Imagen y Culto. Una historia de la imagen anterior a la edad del arte**. Madrid: Akal, 2009.
- BELTING, H. **O fim da história da arte**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.
- _____. **Por uma antropologia da imagem**: Concinnitas, ano 6, volume 1, numero 8, 2005. Disponível em: http://www.deboraludwig.com.br/arquivos/belting_porumaantropologiadaimagem.pdf. Acesso: 02/11/2013
- BELTING, H. “A imagem autêntica. A religião oferece um verdadeiro campo de treinamento para o uso da mídia, a qual ela alternadamente consagrou e condenou.” In *Humboldt*, n. 92, ano 48. München: Goethe-Institut., 2006
- BELTING, H. **A imagem autêntica**. Paris: Gallimard, 2007.
- BELTING, H. “Imagem, mídia, corpo: uma nova abordagem à Iconologia”/“Image, Medium, Body: A New Approach to Iconology.” In *Ghrebh – Revista de Comunicação, Cultura e Teoria da Mídia / Journal of Communication, Culture and Media, Theory*, n.8. maio-outubro 2006. (www.revista.cisc.org.br/ghrebh8)
- BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na era da reprodutibilidade técnica**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- CONTRERA, M. **Mediosfera**. São Paulo: Annablume, 2010.
- HILLMAN, J. **Psicologia Arquetípica**. São Paulo: Cultrix, 1983.
- HILLMAN, J. **Cidade e Alma**. São Paulo: Studio Nobel, 1993.
- FLUSSER, V. **Filosofia da caixa preta**. São Paulo: Relume Dumará, 2002.
- MARTINS, FM, SILVA, J.n (orgs). **Para se navegar no século 21**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2003.
- MORIN, Edgar. **O método – 4. As ideias: habitat, vida, costumes, organização**. Porto Alegre: Sulina, 1998.
- MORIN, Edgar. **O homem e a morte**. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- MORIN, Edgar. **O paradigma perdido**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- ROCHA, Rose de melo. **Cultura da visualidade e estratégias de (Invisibilidade)**. Compos, 2006. Disponível em: <http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/115/114>. Acesso: 06/11/2014.
- VIRÍLIO, Paul. **Estética de la desaparición**: Anagrama, Barcelona, 1988.
- WULF, Christoph. **Homo Pictor: Imaginação, ritual e aprendizado mimético no mundo globalizado**. São Paulo: Hedra, 2013.